
A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO E A FENOMENOLOGIA

Prof. Dr. Oswaldo Bueno Amorim Filho
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

RESUMO: *A constatação de que o pensamento geográfico assumiu explicitamente, nos últimos vinte ou trinta anos, orientações epistemológicas múltiplas não parece mais questionável atualmente. Dentre essas orientações, o movimento da chamada geografia humanística conseguiu congrega um número considerável de seguidores, embora permaneça ainda muito mal conhecido para grande parte da comunidade geográfica. Uma das razões desse conhecimento precário reside provavelmente no fato de que, no interior do próprio movimento humanístico, convivem várias orientações epistemológicas. O presente texto é um primeiro ensaio que busca explorar as relações de uma dessas orientações epistemológicas – a Fenomenologia – com o trabalho de geógrafos que têm sido agrupados na corrente humanística atual da geografia. Para isso, o ensaio foi dividido em três partes: os contextos do desenvolvimento da geografia humanística; os fundamentos epistemológicos orientadores, em especial os fenomenológicos; e, finalmente, a difusão (inclusive no Brasil) e as perspectivas do movimento.*

Palavras chave: Orientações epistemológicas em geografia, geografia humanística, fenomenologia, difusão da abordagem geo-fenomenológica

ABSTRACT: *The scientific verification that the geographical thought has explicitly assumed in the last twenty or thirty years, multiple epistemological orientations, no longer seems questionable nowadays. Among these orientations, the humanistic geography movement congregated a considerable number of followers even though great part of the geographical community has little knowledge of it. One of the reasons for that precarious knowledge is probably that several epistemological orientations are mixed together inside the humanistic movement. The present text is a first rehearsal that attempts to explore the relationships of one of those epistemological orientations – the phenomenology – with the geographers' works that have been contained in the current humanistic movement of geography. The paper was divided in three parts: the contexts of the development of the humanistic geography; the epistemological foundation guidings, specially the phenomenologicals; and finally, the diffusion (including Brazil) and the perspectives of the movement.*

Key words: geographical epistemological orientations, humanistic geography, phenomenology, geo-phenomenological approach diffusion

INTRODUÇÃO

Dois aspectos originais da atividade geográfica da segunda metade do século XX são

a explicitação e a generalização das reflexões e discussões de caráter epistemológico. Essas reflexões e discussões têm sido uma resposta espontânea e natural à perplexidade que se

instalou em uma parte considerável da comunidade geográfica como resultado de uma certa confusão paradigmática. Não deixa de ser paradoxal que essa confusão tenha se instalado justamente a partir do momento em que a conhecida concepção de KUHN começou a ser empregada pelos geógrafos para explicar e justificar a crise da chamada “nova geografia” e a transição que logo se seguiu.

O que se esperava, com base no modelo clássico de sucessão paradigmática de KUHN, era a substituição do paradigma em crise por um outro mais eficiente e compatível com o contexto científico e social de então. Mas o que se viu, desde o início dos anos setenta, foi uma crítica bastante forte em relação aos princípios orientadores da geografia quantitativa e teórica de então. E isto principalmente porque esses princípios orientadores foram identificados de modo quase exclusivo ao positivismo clássico e à sua versão do século XX: o neopositivismo.

Essa crítica foi elaborada e efetivada, pelo menos num primeiro momento, por geógrafos que, epistemologicamente, eram heterogêneos demais para guardar a coesão necessária à estabilidade do grupo.

Assim, durante a década de setenta, como resultado dos embates doutrinários provocados pelas críticas já referidas, pelo menos quatro orientações epistemológicas coexistem, entre si e com outras tradições mais antigas ou menos conhecidas, no amplo leque formado pela comunidade internacional dos geógrafos. Essa coexistência – nem sempre pacífica – é possível porque, apesar de suas divergências, todas as facções aceitam alguns princípios de maior abrangência e de tradição já consolidada

nesse campo de estudos. Essas quatro subcomunidades geográficas que, de certo modo, se mantêm até os dias atuais são:

- a dos geógrafos que se mantiveram e se mantêm fiéis às orientações das grandes escolas clássicas ou tradicionais da geografia, particularmente as européias, que se consolidaram no fim do século XIX e na primeira metade do século XX. Para esses intelectuais, a tarefa é atualizar conceitos, princípios, modelos, leis, teorias, métodos e técnicas cujas raízes foram se estabelecendo na já longa história do pensamento geográfico;
- a daqueles que, filiados desde seus primórdios (anos cinquenta e sessenta) à corrente científica da quantificação e da teorização, tentam manter-se como geógrafos, apesar de uma hostilidade às vezes aguda por parte dos defensores de outras abordagens geográficas. Nas duas últimas décadas principalmente, essa corrente foi grandemente reforçada por novas gerações de geógrafos e não-geógrafos ligados ao estudo e, sobretudo, à aplicação dos chamados Sistemas de Informações Geográficas – os S.I.G. – técnicas informacionais de grande eficiência no tratamento e no mapeamento de quantidades crescentes de informações;
- a terceira subcomunidade formou-se desde o início do movimento de contestação à geografia quantitativa e teórica. No começo, o grupo de contestadores tinha um leque muito largo de fundamentações teórico-metodológicas e o objetivo comum de fustigar os princípios, os defensores e os produtos da então chamada “nova geografia”. Num segundo momento, porém,

uma parte significativa desses contestadores começou a se individualizar e se aglutinar em torno de certas orientações epistemológicas e político-sociais mais definidas. Político – socialmente, esta importante subcomunidade se filia então, a uma geografia voltada prioritariamente para os problemas da pobreza urbana, dos movimentos minoritários e de gênero, além daqueles relacionados com a preservação do meio ambiente construído e natural. Epistemologicamente, há uma concentração de interesse na geografia humana e um abandono quase total da geografia física. Essa geografia humana “radical” ou “crítica”, por sua vez, apoia-se cada vez mais em algumas manifestações relativamente recentes da perspectiva marxista e que podem ser catalogadas como “neomarxistas”. Embora espalhada por todo o mundo, essa subcomunidade tem numerosos componentes em países como os Estados Unidos, o Reino Unido e o Brasil, por exemplo.

- Finalmente, uma subcomunidade que se aglutinou sob o nome geral de “geografia humanística”, minoritária em relação às demais já mencionadas mas, também, com representantes em todas as partes do mundo, inclusive no Brasil, onde começou a se desenvolver no final dos anos setenta e vem-se consolidando num ritmo seguro e sustentado. Esse último movimento ou corrente da geografia constitui o objeto do presente estudo, principalmente porque entre suas orientações epistemológicas primordiais se encontra a Fenomenologia.

OS CONTEXTOS

A questão que se coloca no início deste estudo é: - quando, como e porque uma filosofia como a Fenomenologia assume um lugar de importância no elenco das principais orientações epistemológicas da Geografia ?

Como não se trata de uma questão simples, as respostas também não podem ser simples.

Embora como se verá adiante, a Fenomenologia só tenha se consolidado como uma filosofia madura e aceita universalmente na primeira metade do século XX, uma atitude fenomenológica parece ter estado presente em várias das etapas anteriores da evolução da atividade geográfica.

Aqui, torna-se importante uma reflexão sobre as principais etapas da história da atividades geográfica, para se identificar a partir de que momento não há, apenas uma atitude epistemológica implícita, mas, também uma orientação epistemológica explícita.

Diferentemente do que preconiza a proposta clássica de KUHN (1962 / 1975)¹, temos razões para acreditar que o que se aceitava como uma sucessão de paradigmas, na história da Geografia, é em realidade, uma série de grandes temas (com os respectivos quadros conceituais, metodológicos e técnicos) que, em vez de se substituírem uns aos outros sucessivamente, apenas mudam de posição hierárquica, mas se acumulam e coexistem. O quadro abaixo faz uma síntese dos principais tipos de espaços estudados pelos geógrafos na longa trajetória da atividade geográfica.

¹ KUHN, Th. S.: A estrutura das revoluções científicas. São Paulo, Perspectiva, 1975 (original de 1962).

QUADRO I

Principais Temas Cumulativos da Geografia em sua História

- Espaço explorado, nomeado e relatado
- Espaço mensurado e mapeado
- Espaço natural como ambiente determinista
- Espaço dos imperialismos e das guerras
- Espaço das “geografias universais”
- Espaço regionalizado
- Espaço quantificado
- Espaço teorizado
- Espaço como ecossistema / geossistema
- Espaço socialmente produzido
- Espaço vivido e valorizado
- Espaço virtual ou “ciberespaço”

Se se considera o quadro I, a presença da Fenomenologia na Geografia se explicita a partir dos anos sessenta e setenta, como uma das bases epistemológicas para o estudo dos *espaços vividos e valorizados*, tema fundamental da corrente da *geografia humanística*.

A esse respeito, um dos pioneiros dessa corrente, LOWENTHAL (1967, p. 31/32)² afirmava que a geografia possuía três grandes domínios temáticos de estudo:

1º - “o mundo físico dos padrões e fenômenos naturais e construídos pelos homens;

2º - crenças e valores humanos sobre o meio ambiente;

3º - como as pessoas se comportam e interagem com o meio ambiente.”

Para LOWENTHAL, os geógrafos e professores de geografia tinham focalizado sua atenção, até então, predominantemente no primeiro desses domínios, isto é, o do chamado “mundo real”, ou “objetivo”. Para isso, foi adotado o método científico, que aumentou bastante a produtividade das pesquisas e o prestígio dos geógrafos. Por outro lado, porém, essa abordagem negligenciou o papel das percepções e dos valores do homem em relação ao meio ambiente e na explicação dos padrões espaciais.

Os geógrafos dessa *corrente humanística* começavam, aí, a tomar consciência das muitas incompatibilidades que os separavam dessa geografia quantitativa e teórica, mais conhecida por nova geografia. Entre as críticas então formuladas em relação a essa *nova geografia*, quatro se destacam como as mais comuns:

- adoção de um neopositivismo cientificista e reducionista;
- uso excessivo e praticamente exclusivo de técnicas quantitativas;
- utilização acrítica, e sem as necessárias bases epistemológicas, de um aparato teórico às vezes sofisticado;
- finalmente, a crítica aguda de que esses “novos geógrafos” tinham adotado como objeto de suas pesquisas um modelo excessivamente racionalista de homem: *o homem econômico*.

Essas críticas eram compartilhadas por todas as correntes que se rebelaram contra a dominação da nova geografia. Porém, apesar de

² LOWENTHAL, D., citado em HUCKLE, J. (editor): *Geographical education – Reflection and Action*. Oxford, Oxford University Press, 1983 (p. 31/32)

curta, a convivência dessas correntes em um mesmo movimento intelectual não era mais possível. Assim, começava a concretizar-se a divisão entre os defensores de uma *geografia radical*, ou *crítica*, de um lado, e os partidários de uma *geografia humanística*, de outro. Para estes últimos, os primeiros tinham se tornado excessivamente militantes politicamente, tinham praticamente abandonado a geografia física para concentrar-se numa geografia humana e social cujas diretrizes passaram a vir prioritariamente do *Neomarxismo*. Foi justamente em função desse último aspecto que nasceram as críticas mais agudas epistemologicamente, dirigidas aos geógrafos radicais ou críticos. Essas críticas, dirigidas ao Neomarxismo como principal base orientadora dos geógrafos radicais ou críticos, podem ser resumidas nas quatro seguintes:

- *Estruturalismo e holismo* excessivos, resultando sempre na prioridade das totalidades sobre os elementos individuais e na crença de que esses elementos (seres humanos) não passam de agentes determinados pelas estruturas;
- *Reificação* de entidades abstratas, vistas, assim, como se possuíssem substância e eficiência causal e como se estivessem orientadas na direção de finalidades historicamente determinadas;
- *Economismo*, ou seja, um reducionismo econômico resultante da importância que os marxistas em geral sempre atribuíram às categorias econômicas como fatores de direcionamento não compartilhado da história;

- Dificuldades de compreensão das complexas relações entre os níveis do teórico, do empírico e, sobretudo, do experienciado, inclusive com uma importância quase nula atribuída a quaisquer formas de validação empírica e/ou experienciada para as afirmações de caráter teórico.

Desse modo, procurando desmarcar-se em relação tanto aos adeptos da Nova Geografia, quanto daqueles da *corrente radical*, ou *crítica*, um grupo de geógrafos acabou por formar um movimento epistemológico e politicamente diferenciado que possuía, porém, um objetivo comum: o de buscar, no final do século XX, uma prática geográfica mais verdadeiramente humanista do que aquelas que, então, se praticavam.

OS FUNDAMENTOS

O movimento, como se sabe, auto-denominou-se *geografia humanística*, o que é coerente com seu objetivo maior. Como, porém, justificar e alcançar epistemologicamente tal objetivo ?

Na ausência de um estudo mais completo sobre as partes, o conjunto e a dinâmica do *movimento da geografia humanística*, as respostas à questão acima têm que ser buscadas nos balanços parciais até agora realizados na América do Norte, na Europa e, inclusive, no Brasil. Além disso, indicações preciosas são encontradas, com profusão, nas obras dos principais representantes do movimento. Com base nessas fontes, identificamos, até agora, pelo menos doze fundamentos epistemológicos para as várias tendências que se congregam sob a bandeira da geografia humanística.

QUADRO II

<i>Fundamentos Epistemológicos da Geografia Humanística</i>	
➤ Axiologia	➤ Idealismo
➤ Anarquismo	➤ Semiologia
➤ Behaviorismo	➤ Teoria da Cognição
➤ Estética	➤ Teoria da Comunicação
➤ Existencialismo	➤ Teoria da Gestalt
➤ <i>Fenomenologia</i>	➤ Teoria da Percepção

Apesar das inúmeras superposições e intersecções que se observam entre quase todas essas matrizes epistemológicas, a Fenomenologia aparece, assim, apenas como um dos fundamentos da geografia humanística, mesmo que seja, talvez, visto por muitos como o mais importante.

Os dicionários enciclopédicos, assim como os filosóficos, estão de acordo sobre três aspectos gerais relacionados com a Fenomenologia. Em primeiro lugar, a maior parte deles define o sentido geral da Fenomenologia tal como o faz LALANDE (1926 / 1993, p. 397)³: “estudo descritivo de um conjunto de fenômenos, tal com eles se manifestam no tempo e no espaço, por oposição quer às leis abstratas e fixas destes fenômenos, quer à realidade transcendente de que seriam a manifestação, quer à crítica normativa de sua legitimidade”.

Em segundo lugar, fazem bem clara a distinção entre o sentido da Fenomenologia anterior e posterior ao filósofo alemão Edmund

HUSSERL (1859 / 1938), considerado como o fundador da Fenomenologia moderna. Assim, por exemplo, os conceitos de KANT (uma “fenomenologia geral, que deveria preceder a metafísica e traçar a linha divisória entre o mundo sensível e o inteligível, para evitar transposição ilegítimas de um ao outro” – MORA,

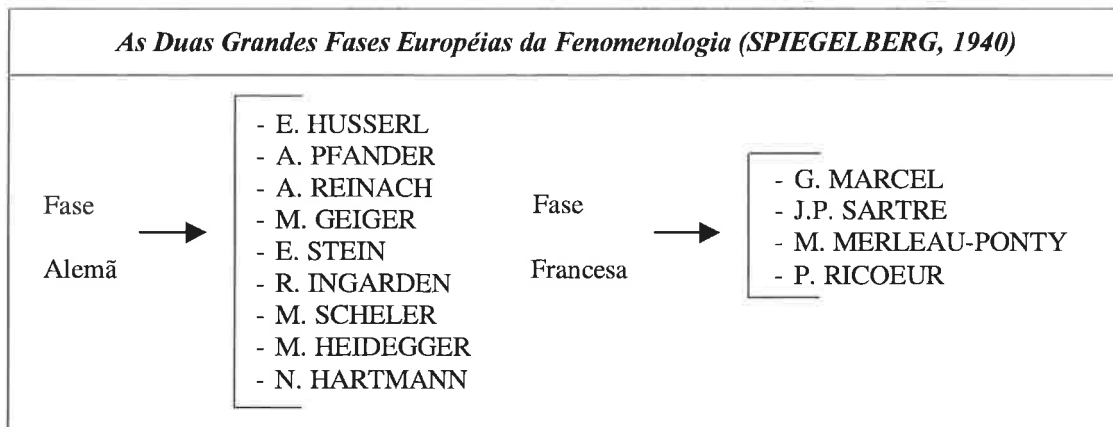
1965, p. 645)⁴ e de HEGEL (uma fenomenologia do espírito, como o estudo “que mostra a sucessão das diferentes formas ou fenômenos da consciência até chegar ao saber absoluto. A fenomenologia do espírito, de HEGEL, seria uma introdução ao sistema total da ciência” ... (MORA, 1965, p. 645) seriam considerados como partes da chamada fenomenologia pré-husserliana.

Em terceiro lugar, há acordo também sobre a alegação de que o sentido atual da Fenomenologia tem duas fontes principais e complementares: uma, alemã e outra, francesa.

³ LALANDE, A.: Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia. São Paulo, Martins Fontes, 1993 (original francês, 1926)

⁴ MORA, J. F. Dicionário de Filosofia. Tomo I. Buenos Aires, Sudamericana, 1965.

QUADRO III



Embora com uma orientação geral aparentemente simples e clara (a busca de um retorno às coisas tais como elas se apresentam diretamente à nossa consciência), as fenomenologias são quase tantas quantos são os fenomenólogos.

O geógrafo canadense E.C. RELPH (1983, p. 102/103) distingue três variedades de fenomenologias:

1 - “Como *abordagem filosófica*, a fenomenologia é um modo radical de examinar os fenômenos de nossa consciência ou experiência. Assim, quando se diz que a fenomenologia é *um retorno sem pressupostos às próprias coisas*, refere-se a como nós estamos (ou nos sentimos) para pensar sobre as coisas. Em particular, esta postura propõe que, em vez de analisar ou desenvolver as opiniões dos filósofos ou outros geógrafos, nós deveríamos estar interessados *em recapturar nosso sentido de admiração sobre o mundo em que vivemos* e em tentar esquecer os conceitos e abstrações que adquirimos em nossa educação formal e refletir sobre aquilo que nós encontramos diretamente. Desde que

nossas experiências são tão diversas quanto a própria vida, a matéria (ou temática) potencial *da fenomenologia é todo o reino da experiência humana*

2 - Um segundo tipo de fenomenologia é aquele usado em disciplinas acadêmicas não-filosóficas. Nesses casos, a fenomenologia tem sido usualmente empregada em uma perspectiva menos radical e, em vez de ser tomada como uma reorientação completa, ela é aceita como uma alternativa entre várias outras, como o positivismo, o estruturalismo, o marxismo, (...) que fornecem uma base para o estudo das questões sociais. (...) A diferença em relação ao método científico sempre permanece: a fenomenologia está direcionada para a aceitação e a apreciação abrangente dos fatos da experiência, não sua redução a explicações elegantemente simples.

3 - um terceiro tipo de fenomenologia é sugerido na afirmação de HUSSERL, segundo a qual a *atitude fenomenológica total* é semelhante à conversão religiosa. Muitos dos escritos dos fenomenólogos não são apenas reflexões escolares e acadêmicas sobre a existência,

mas sobre a promoção de um certo modo de vida. (...) A fenomenologia é, neste último caso, uma tentativa de ver mais claramente. Se pudermos alcançar tal visão, ela pode mudar nossas atitudes em relação à nossa própria existência, às outras pessoas e ao mundo que nos cerca”.⁵

Apesar de todas essas perspectivas fenomenológicas, os limites exíguos de um texto como este fazem com que sejam colocadas em discussão as propostas de apenas dois dos mais importantes representantes do pensamento fenomenológico: um alemão (HUSSERL), matriz pioneira da fenomenologia moderna, e um francês (MERLEAU – PONTY), elo de ligação entre as proposições, às vezes complexas, de HUSSERL e as versões fenomenológicas mais recentes, principalmente aquelas com maior incidência no pensamento dos geógrafos humanísticos.

Os fundamentos da fenomenologia moderna foram estabelecidos por Edmund HUSSERL (1859 – 1938). Para efeito de análise, essas fundamentações podem ser vistas tanto como críticas, quanto como proposições.

Primeiramente, a fenomenologia de HUSSERL aparece como uma reação original a três tipos de dominação intelectual, presentes no final do século XIX e no início do século XX:

- a dominação no campo da ciência, do *naturalismo empírico, do pragmatismo, do objetivismo cientificista do positivismo, da ciência mecanicista e excessivamente quantificada*. Neste campo, HUSSERL ainda se insurgia contra a tematização e a formalização excessivas das experiências humanas;

- a dominação dos grandes sistemas filosóficos, carregados de abstrações complexas, que acabavam por desembocar naquilo que HUSSERL indicava como um dos principais obstáculos ao desenvolvimento do conhecimento humano: *o logicismo*;
- enfim, no campo das ciências humanas, a dominação do *psicologismo, do sociologismo e do historicismo*.

Para contrabalançar todas essas tendências, HUSSERL faz uma série bastante grande de proposições, dentre as quais destacamos algumas das mais representativas de seu pensamento:

- *a intuição essencial* (ou *wesenschau*), isto é, a visão ou contemplação direta das essências, como totalidades concretas, pela consciência;
- *essa intuição essencial dar-se-ia através de um método denominado redução fenomenológica*, que consiste, grosso modo, em fazer uma suspensão (colocar entre parênteses) de nossas convicções, informações, representações, filtros, etc, para poder contemplar os fenômenos mesmos. Essa “suspensão” seria possibilitada primeiramente por uma atitude de admiração, maravilhamento, espanto e surpresa (sintetizado pela expressão francesa *étonnement*) em relação ao mundo. Esta primeira ação deve ser seguida por uma atitude permanente de disponibilidade para o diálogo entre sujeitos, que viabiliza a única forma de “objetivação” em fenomenologia, caracterizando o que HUSSERL denominou *intersubjetividade transcendental*;

⁵ RELPH, E.C. Phenomenology. In: HARVEY, M.E. and HOLLY, B.P. (editors): *Themes in Geographical Thought*. London, Croom Helm, 1983.

- a noção de *lebenswelt* (*lifeworld*, *monde vécu*), ou *mundo vivido*, que HUSSERL considerava, ao fim de sua vida, como uma de suas contribuições mais importantes (senão a mais importante). A experiência desse *lebenswelt* permite penetrar nesse *mundo de caráter pré-teorético*, que nós vivemos antes da reflexão correlativa; a busca do *lebenswelt* é uma atitude que torna possível entrar no *fluxo de nossa experiência no espaço, no tempo e na sociedade*;
- finalmente todas essas ações de compreensão (“*verstehen*”) só se tornam possíveis se se basearem na busca dos *sentidos* e das *intencionalidades* presentes em tudo que possui existência e que se tornam dados essenciais para a ação fenomenológica da *consciência*.

Todas essas bases criadas por HUSSERL são retomadas, aprofundadas, ou modificadas por seus sucessores, principalmente na Alemanha e na França.

Na França, a contribuição de Maurice MERLEAU-PONTY (1908 / 1961) merece uma atenção especial, por várias razões: primeiramente, este filósofo repensa todas as proposições de HUSSERL, em segundo lugar, faz uma exposição e comentários das mesmas, de um modo bem mais acessível que o do pensador alemão; por fim, o filósofo francês amplia consideravelmente alguns temas fenomenológicos cuja discussão fora iniciada por seu colega alemão. Entre esses últimos temas, merecem consideração, tendo em vista sua importância na geografia atual, aqueles ligados à *percepção*, ao *espaço vivido* e ao *mundo percebido*.

De acordo com MORA (1965, p. 179, 180 e 393)⁶, MERLEAU-PONTY busca, desde o início de seu pensamento e de sua ação filosóficas, desmascarar as realidades concretas ocultas pelas teorias. Por outro lado, MERLEAU-PONTY enfatizou bastante a necessidade de se opor, igualmente, tanto a uma redução do homem a um conjunto de determinismos sociais, quanto à idéia de uma suposta interioridade irreduzível ao social.

Daí sua posição em relação, por exemplo, ao Marxismo. De marxista convicto, MERLEAU-PONTY evoluiu para uma posição segundo a qual o Marxismo deveria ser reinterpretado e apresentado mais como uma ação, do que como uma verdade fixa e dogmática.

MERLEAU-PONTY acaba por propor, portanto, uma filosofia fenomenológico – existencial. Desse ponto de vista, a consciência é vista como engajada (ou comprometida) no mundo, o que pode ser comprovado pelo estudo da *percepção* e do *comportamento*, além do *espaço vivido*.

Para o filósofo francês, a percepção não é nem uma sensação considerada apenas como individual – subjetiva, nem um ato da inteligência: é o que liga uma e outra à unidade da situação no mundo. Assim, as formas de percepção não se desenvolvem apenas com a própria evolução psicológica do sujeito que percebe, mas, também e muitíssimo, de acordo com as situações desse e dos outros homens no mundo.

É por isso que se pode dizer, junto com MERLEAU-PONTY que, embora possuindo uma base psicológica, a fenomenologia da percepção

⁶ MORA, J.F.: Dicionário de Filosofia – Tomo II, Buenos Aires, Sudamericana, 1965.

tem um propósito ontológico.

Para MERLEAU-PONTY (1947, citado em MORA, 1965, p. 393)⁷:

- 1 - “A percepção é uma modalidade original da consciência. O mundo percebido não é um mundo de objetos como o concebido pela ciência; no mundo percebido, não há apenas matéria mas, também, forma (...). Toda percepção se apresenta dentro de um certo horizonte e no mundo.
- 2 - Tal concepção da percepção não é só psicológica (...).
- 3 - O mundo percebido é o fundo sempre pressuposto por toda racionalidade, todo valor e toda existência.”

Dessas considerações, ressalta a importância crucial atribuída por MERLEAU-PONTY ao mundo percebido e ao espaço, em sua modalidade de *espaço vivido*.

MERLEAU-PONTY, em sua obra mais conhecida e, também, mais importante para a geografia humanística (*Phénoménologie de la Perception*)⁸, aprofunda bastante sua abordagem do espaço. Algumas afirmações do filósofo francês merecem referência:

- o espaço não é apenas o meio (real ou lógico), no qual se dispõem as coisas mas, o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível e, muito mais ainda, ele é o campo das conexões de que depende a vida humana;
- nós dissemos que o espaço é existencial; nós poderíamos, igualmente, ter dito que a

existência é espacial, quer dizer que, por uma necessidade interior, a existência se abre para o exterior, a ponto de podermos falar de um espaço mental (...);

- nossa *experiência do espaço* é a última instância, segundo o próprio KANT, de todos os nossos conhecimentos sobre o espaço;
- é por isso que, para a Fenomenologia tem muito menos sentido perguntar se nós percebemos realmente um mundo, do que afirmar que o mundo é aquilo que nós percebemos.

Todas essas considerações se encontram em um capítulo volumoso (63 páginas) sobre o espaço, sua experiência, sua vivência e sua percepção, na obra já mencionada de MERLEAU-PONTY. As considerações sobre o papel fundamental do espaço percebido e vivido no pensamento de MERLEAU-PONTY alcançam um ponto bastante alto quando ele afirma textualmente:

“O que garante o homem são contra o delírio ou a alucinação não é sua crítica, é a estrutura de seu espaço. O que faz a alucinação, assim como o mito é o encolhimento do espaço vivido”(op. cit., p. 337).”

À guisa de síntese, pode-se dizer, com JOHNSTON (1983, p. 56 e 57), que as propostas desses dois filósofos e de outros ligados à Fenomenologia apresentam os seguintes pontos comuns:

- “a crença de que o homem deveria ser estudado independentemente de quaisquer teorias ou suposições sobre como ele age. O

⁷ MORA, J.F.: Dicionário de Filosofia – Tomo II Buenos Aires, Sudamericana, 1965.

⁸ MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la Perception*. Paris, Gallimard, 1985 (1^{re} édition: 1945), p. 281, 282, 337, 339, 340.

ponto de vista do observador sobre o mundo deveria ser *suspense* (*colocado entre parênteses*, no dizer de HUSSERL), de modo que as interpretações não sejam contaminadas por conceitos e explicações potenciais estranhas ao tema;

- a busca mais da *compreensão* (representada pelo termo alemão *verstehen*) ou *apreciação* da natureza de um ato como o objetivo da ciência social, do que da *explicação* (que é um termo associado com o positivismo e sua ênfase na evidência objetiva);
- a crença de que, para o homem, o mundo existe apenas como uma *construção mental*, criada enquanto ato de *intencionalidade*. Desse modo, um elemento é incorporado ao mundo de um indivíduo somente quando ele atribui significado a esse elemento, em função de alguma intenção em relação a ele;
- assim, o objetivo da Fenomenologia é reconstruir os mundos dos indivíduos, nos

quais os fenômenos estão presentes como repositórios de significados. Isto conduz à compreensão do comportamento nesses mundos, o que é diferente da explicação positivista, na medida em que a última é um construto imposto pelo analista, enquanto uma compreensão (fenomenológica) usa os termos e os conceitos do ator”⁹.

DIFUSÃO E PERSPECTIVAS

Como já se observou neste texto, a Fenomenologia não é o único fundamento epistemológico da Geografia Humanística, mas é um dos mais importantes, senão o mais importante. Entre outras avaliações, isso pode ser comprovado pelos temas de estudo predominantes entre os geógrafos considerados como pertencentes a essa corrente da Geografia. Com base em um levantamento não exaustivo, realizado em livros e periódicos geográficos dos últimos trinta anos, identificamos os vinte temas mais presentes em textos de “geógrafos humanísticos” e que estão listados no quadro seguinte.

QUADRO IV

<i>Principais Temas presentes em Textos de “Geógrafos Humanísticos”, de 1970 a 1999</i>	
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Atitudes e valores em relação ao meio ambiente ➤ Biografias de lugares e paisagens ➤ Comportamentos espaciais e ambientais ➤ Educação ambiental ➤ Espaços vividos e lugares ➤ “Geografias” de grupos humanos particulares ➤ Imagens geográficas ➤ Legislações sobre meio ambiente e paisagens ➤ Literaturas regionais e urbanas ➤ Lugares sagrados e míticos 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Mapas mentais ➤ Mundos vividos ➤ Paisagens ➤ Patrimônios culturais ➤ Percepção e cognição ambientais ➤ Reconstruções históricas de paisagens ➤ Riscos ambientais e suas avaliações ➤ Sentidos de lugares e paisagens ➤ Tempos e espaços experienciais ➤ Topofilia, Topofobia e Topocídio

⁹ JOHNSTON, R. J.: *Philosophy and Geography – An Introduction to Contemporary Approaches*. London, E. Arnold, 1983.

Como se pode facilmente observar, quase todos os temas podem ser incluídos no campo de interesse da Fenomenologia, sobretudo tomando por base a versão desenvolvida por MERLEAU-PONTY.

Por outro lado, a lista temática apresentada no quadro IV, embora extraída de publicações dos últimos trinta anos, não contém apenas temas que os geógrafos só passaram a tratar neste período de tempo. A presença de muitos desses temas em trabalhos clássicos de geógrafos do passado serve para mostrar que implicitamente e talvez até intuitivamente muitos autores já faziam uso de diretrizes do tipo fenomenológico.

Assim, alguns precursores da atual geografia humanística (com trabalhos publicados antes dos anos setenta) têm sido mais comumente identificados:

- Carl O. SAUER: anos vinte, com o tema das *paisagens percebidas e vividas*;
- J. K. WRIGHT: anos quarenta, com sua *geosofia*;
- W. KIRK: a partir dos anos cinquenta, com a relação entre percepções e *comportamentos geográficos*;
- E. DARDEL: anos cinquenta e sua *"géographicité"*;
- E. G. HOSKINS: anos cinquenta, com seu clássico sobre *a construção da paisagem inglesa*;
- D. LOWENTHAL: a partir dos anos sessenta,

com a temática da experiência e da *imaginação geográficas*.

Além desses pioneiros, mais conhecidos e consensuais, alguns autores têm-se referido a outras fontes da *geografia humanística*, também anteriores à década de setenta. Assim, pelo menos três renomados geógrafos incluíram a própria tradição da *escola geográfica francesa*, como uma das matrizes das quais se originou a *geografia humanística*.

A geógrafa irlandesa Anne BUTIMER chama a atenção sobre as preocupações humanísticas dos geógrafos franceses, em especial aqueles filiados à *tradição vidaliana*, em sua tese de doutorado, defendida em 1964, na Universidade de Washington¹⁰.

Essas preocupações aparecem mais particularmente em certas noções e temas primordiais para a geografia francesa, como *gêneros de vida, civilizações, paisagens e meio* e, em especial, naquela orientação epistemológica maior, mais implícita do que explícita, a que se convencionou chamar de *possibilismo*.¹

Paul CLAVAL, em um artigo de 1974, procura refletir sobre as relações da *geografia clássica francesa* e uma das manifestações mais vigorosas da geografia humanística, que é a *percepção ambiental*, ou como ele diz textualmente, *percepção espacial*. A esse respeito, eis o que diz o professor de Paris:

“Nos trabalhos geográficos (franceses), observa-se a continuidades da inquietação sobre *os modos como o espaço é sentido* e como ele é dividido. As teses relativas

¹⁰ BUTTIMER, A.: *Sociedad y Medio (Naturaleza) en la Tradición Geográfica Francesa*. Barcelona, OiKos-Tau, 1980.

às regiões francesas ou estrangeiras consagram todos os capítulos a esses problemas: elas introduzem, assim, na interpretação dos agrupamentos (regionais) uma parte *de subjetividade coletiva*, que falta na maior parte dos autores estrangeiros. (...) A geografia clássica francesa abriu mais espaço aos *atos de percepção*, e ao seu papel na organização do espaço, do que qualquer outra escola¹¹.

Numa direção semelhante coloca-se um texto de André-Louis SANGUIN, publicado em 1981¹².

SANGUIN, embora plenamente consciente do perfil humanista dos fundadores da escola clássica francesa, tais como RECLUS, BRUNHES, VIDAL DE LA BLACHE, SORRE e outros, chega à conclusão de que uma abordagem semelhante às que hoje se denominam humanísticas, só aparece abertamente no início dos anos cinquenta, com ERIE

DARDEL. Inclusive, SANGUIN é um dos poucos autores francófonos a fazer referência a um ensaio produzido no final dos anos trinta por um geógrafo francês menos conhecido, Georges HARDY. Este ensaio, denominado *La Géographie Psychologique*¹³, que pode ser considerado como um dos trabalhos precursores da geografia humanística, não teve o impacto que poderia e deveria ter tido por duas razões principais: em primeiro lugar, a eclosão, logo após sua publicação, da Segunda Grande Guerra,

que desestabilizou toda a vida acadêmica francesa; em segundo lugar, de acordo com SANGUIN, pela resistência que encontrou em alguns membros mais conservadores da escola francesa, como Albert DEMANGEON, por exemplo.

Para SANGUIN, um impulso decisivo ao desenvolvimento dos estudos geográficos sob uma ótica humanística e, mesmo, fenomenológica, foi dado pela apresentação, nos anos ses-senta, de pesquisas e teses que utilizaram conceitos fenomenológicos básicos como, por exemplo, o de “espaço ou mundo vivido”. Entre esses estudos, destacam-se fortemente, de acordo com SANGUIN, as teses de doutorado de Jean GALLAIS (1967)¹⁴ e Armand FREMONT (1968)¹⁵. Para SANGUIN, esses trabalhos, e muitos outros que se seguiram, muito contri-buíram para que a geografia francesa pudesse “restituir à sua escala exata a experiência humana dos lugares, das paisagens e do espaço”.

A partir dos anos setenta, a Geografia Humanística, sob as mais variadas formas e manifestações, desenvolve-se e espalha-se por todo mundo. Suas bases epistemológicas e seus temas privilegiados não somente impregnam pesquisas, cursos, publicações, congressos e reuniões, mas são, também, responsáveis pela formação de novos grupos de geógrafos em muitos países, ou pela criação de novas linhas de pesquisa até para geógrafos individuais.

Nos Estados Unidos, mesmo antes dos anos setenta, a Geografia Humanística já se fazia

¹¹ CLAVAL, P.: *La Géographie et la Perception de l'Espace*. L'Espace Géographique. Paris, Doin, n° 3, 1974, 179 / 187.

¹² SANGUIN, A. -L.: *La Géographie humaniste ou l'approche phénoménologique des lieux, des paysages et des espaces*. Annales de Géographie, Paris, A. Colin, n° 2, 1981, p. 560/573.

¹³ HARDY, G.: *La Géographie Psychologique*, Paris, Gallimard, 1939.

¹⁴ GALLAIS, J.: *Le Delta Intérieur du Niger, étude de Géographie Régionale*. Dakar, I.F.A.N., 1967.

¹⁵ FRÉMONT, A.: *L'Élevage em Normandie*. Caen, Faculté de Lettres, 1968.

presente, o que é comprovado pela primeira sessão sobre percepção ambiental e comportamento, realizada em 1965 pela Associação dos Geógrafos Americanos. Na numerosa comunidade de geógrafos americanos voltados para as temáticas humanísticas, podem ser citados: Th.SAARINEN, E.ZUBE, G.F.WHITE, A.V.T.WHITE, D.SEAMON, J.SONNENFELD, W.NORTON, G.RUSHTON, R.DOWNS, E.M.GIBSON, J.M.BOWDEN, W.H.ITTELSON, D.SOPHER, R.H.JACKSON, L.B.LEOPOLD, R.W.KATES, W.R.D. SEWEL, A.WHYTE, P.R. GOULD, entre outros....

Na Grã-Bretanha, a Geografia Humanística também experimenta um grande dinamismo a partir dos anos setenta. Em 1984, o *Landscape Research Group*, formado por D.LOWENTHAL, J.APPLETON, G.ORIANS, K.CRAIK, J.B.JACKSON, B.GOODEY, H.MOGGRIDGE, E.PENING-ROUSELL, D.MEINIG e P.LEWIS, promove um simpósio que tem como tema o estudo dos significados e valores da paisagem. Sem fazer parte de um grupo organizado, outros geógrafos têm dado importantes contribuições ao desenvolvimento da Geografia Humanística; I.G.COOK, P.J.BARBER, J.I.COPPOCK, J.R.GOLD, D.POCOCK, J.D.PORTEOUS, H.PRINCE, R.RIESER, G.D.ROWLES, entre outros.

Na França, além de uma postura humanista presente em toda a tradição geográfica, temas como paisagens e percepção das paisagens, bastante orientados fenomenologicamente, tem atraído cada vez mais interesse dos geógrafos, dentre os quais podem ser mencionados: A.BAILLY, A.BERQUE, M.COLLOT, A.FEL, A.FREMONT, J.GALLAIS, Y.GERVAISE,

J.M.MIOSSEC, J.R.PITTE, B.QUILLIET, S.RIMBERT, B.ROULEAU, G.SAUTTER, A.VANT, Ph. PELLETIER, entre outros.

No Canadá, um grupo bem menos numeroso, porém bastante produtivo e tremendamente combativo, é formado por geógrafos que se filiam às orientações fenomenológico-existenciais e, até, idealistas: E.RELPH, M.SAMUELS, J.DUNCAN, D.LEY, D.COSGROVE e L.GUELKE, podem ser citados, entre outros.

Ainda no nível internacional, merecem uma menção muito especial alguns geógrafos que deram uma contribuição excepcional para o desenvolvimento da Geografia Humanística:

- Anne BUTTIMER, já citada, que trouxe à discussão as questões dos *valores na Geografia e das geografias pessoais* (biografias geográficas dos geógrafos!), além de muitas outras abordagens, como a da escola clássica francesa, sendo também uma precursora da Geografia Humanística;
- Yi-Fu TUAN, geógrafo sino-americano, que explorou um número impressionante de temas humanísticos (topofilia, espaço e lugar, paisagens valorizadas, literaturas e lugares, experiência estética, espaços simbólicos, etc) e que, talvez, seja aquele que mais contribuiu para a criação de toda uma nova terminologia para a Geografia Humanística;
- John PICKLES, caso raro de fenomenólogo e geógrafo, e que produziu certamente a obra mais completa sobre as relações entre fenomenologia e geografia¹⁶, muito consultada durante a elaboração do presente ensaio;

¹⁶ PICKLES, J.: *Phenomenology, Science and Geography*. Cambridge, Cambridge University Press, 1985.

- John P. DICKENSON, por ser, entre os geógrafos estrangeiros, um dos que melhor conhecem as paisagens brasileiras, assim como os valores e as imagens dos próprios brasileiros (e dos mineiros em particular) em relação às paisagens.

No Brasil, as reflexões e as pesquisas que podem ser incluídas no *movimento da Geografia Humanística* começam a desenvolver-se no final da década de setenta e no início dos anos oitenta, principalmente a partir da tradução de duas obras fundamentais de Yi-Fu TUAN¹⁷, realizada por Livia de OLIVEIRA, da UNESP de Rio Claro – SP. Desde então, um número considerável de pesquisas, textos, dissertações, teses e reuniões têm-se produzido no país dentro dessa grande temática.

Um dos mais expressivos centros de estudos e pesquisadores filiados a essa corrente no Brasil é justamente a UNESP de Rio Claro-SP, principal núcleo irradiador dos estudos de percepção ambiental, sob a liderança das geógrafas Livia de Oliveira e Lucy MACHADO, que conseguiram formar um grupo numeroso de discípulos, não apenas em Rio Claro como também em todo o país. Além das muitas pesquisas e publicações pessoais, as duas professoras orientaram algumas dezenas de dissertações e teses dentro da temática geral da Geografia Humanística e, em particular, da percepção e cognição ambientais com uma abordagem principalmente de base piagetiana. Além disso, o grupo da UNESP de Rio Claro está à frente dos Encontros Interdisciplinares sobre o Estudo da Paisagem, realizados bianualmente, resultando na

publicação de anais bastante ricos e num aumento significativo do intercâmbio entre pesquisadores vinculados às temáticas humanísticas, de todo o Brasil. Finalmente, não pode deixar de ser mencionado que foi com a coordenação de Livia de OLIVEIRA (juntamente com o arquiteto Vicente DEL RIO, da UFRJ, do Rio de Janeiro) que se preparou a primeira grande publicação sobre o estado da arte dos estudos de percepção ambiental no Brasil.¹⁸

Os temas e os participantes dessa publicação coletiva fornecem um retrato bastante representativo da situação das pesquisas e da difusão da Geografia Humanística no Brasil, mesmo que seu título se refira apenas às reflexões e pesquisas no âmbito da chamada *percepção ambiental*. Esses temas e participantes podem ser visualizados no quadro.

¹⁷ TUAN, Y.F.: *Topofilia*. São Paulo, DIFEL, 1980.

——— *Espaço e Lugar*. São Paulo, DIFEL, 1983.

¹⁸ DEL RIO, V. e OLIVEIRA, L. (organizadores): *Percepção Ambiental – A Experiência Brasileira*. São Paulo e São Carlos, Studio Nobel e Editora da UFSCAR, 1996.

QUADRO V

Temas e Autores da Publicação Coletiva <i>Percepção Ambiental – A Experiência Brasileira (São Paulo, Nobel, 1996)</i>		
Grandes Temas	Sub-Temas	Autores e Instituições
Percepção Ambiental e Projeto	<ul style="list-style-type: none"> • Cidades da Mente, Cidade Real, Percepção e Revitalização da Área Portuária do RJ. • A Percepção em Análises Ambientais – O Projeto MAB – UNESCO em Porto Alegre. • Brasília em Três Escalas de Percepção • As Cidades Invisíveis-Percepção Ambiental e Cidadania 	<ul style="list-style-type: none"> • Arquiteto Vicente DEL RIO, UFRJ, RJ • Arquiteto Lineu CASTELLO, UFRGS, Porto Alegre, RS. • Arquiteta Maria Elaine KOHSDORF, UnB, Brasília, DF • Professora de Letras Lucrécia D'Aléssio FERRARA, USP, São Paulo, SP.
	<ul style="list-style-type: none"> • O City Marketing de Curitiba – Cultura e Comunicação na Construção da Imagem Urbana 	<ul style="list-style-type: none"> • Arquiteta Fernanda Ester Sánchez Garcia, UFPR, Curitiba, PR.
	<ul style="list-style-type: none"> • Paisagem Valorizada: A Serra do Mar como Espaço e como Lugar 	<ul style="list-style-type: none"> • Geógrafa Lucy M. C. Philadelpho Machado, UNESP, Rio Claro, SP
	<ul style="list-style-type: none"> • Morretes: Um Estudo de Paisagem Valorizada 	<ul style="list-style-type: none"> • Geógrafo Lineu BLEY, UFPR, Curitiba, PR.
Percepção Ambiental e Interpretação da Realidade	<ul style="list-style-type: none"> • Topofilia, Topofobia e Topocídio em Minas gerais 	<ul style="list-style-type: none"> • Geógrafo Oswaldo Bueno Amorim Filho, UFMG / PUC, Belo Horizonte, MG.
	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção Ambiental e Literatura - Espaço e Lugar no Grande Sertão: Veredas 	<ul style="list-style-type: none"> • Geógrafa Solange Terezinha de Lima, UNESP, Rio Claro, SP.
	<ul style="list-style-type: none"> • Do Espaço ao Lugar – Uma Viagem ao Sertão Brasileiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Escritoras Vernaide Wanderley e Eugênia Menezes, da FJN, Recife, PE.
Percepção e Educação Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção e Representação do Espaço Geográfico 	<ul style="list-style-type: none"> • Geógrafa Livia de OLIVEIRA, UNESP, Rio Claro, SP.
	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção da Arquitetura e do Urbanismo – uma Aproximação com o Ensino nas Classes Populares 	<ul style="list-style-type: none"> • Arquiteta Mariza Weber ALVES, UnB, Brasília, DF.
	<ul style="list-style-type: none"> • Percepção de Riscos Provocados pelo Uso de Praguicidas na Agricultura 	<ul style="list-style-type: none"> • Geógrafa Ligia C. POLTRONIERI, UNESP, Rio Claro, SP.

Embora representativo do que se tem feito no campo de estudos da percepção ambiental (frente mais dinâmica e avançada da geografia humanística no Brasil), o quadro V não esgota toda a dimensão dessa corrente intelectual em nosso país. Há algumas outras contribuições, não articuladas em grupos, mas resultantes de iniciativas de pesquisadores importantes, que merecem referência em um texto como este. Entre essas contribuições, as de Armando C. da SILVA, Werther HOLZER e Sandra LENCIONI merecem destaque.

SILVA (1986)¹⁹ publica, talvez, o primeiro estudo de caráter epistemológico no Brasil especificamente voltado para a melhor compreensão das relações entre Fenomenologia e Geografia. A primeira parte do trabalho faz uma revisão sobre o surgimento, o desenvolvimento, os principais fenomenólogos e os princípios e conceitos mais importantes da Fenomenologia. Na segunda parte, SILVA chama a atenção para o fato de que as abordagens científicas habituais, ao enfatizarem a procura da verdade objetiva na realidade, acabam por deixar de lado o *sujeito*. Assim, segundo esse autor, um dos principais méritos da adoção de uma orientação fenomenológica na Geografia e em outras disciplinas é a retomada da *subjetividade* como tema de trabalho. Outras contribuições fenomenológicas importantes são: o *sentido*, ou significado, *do lugar*, *a percepção do meio ambiente*, *a experiência vivida*, *o espaço do corpo*, etc. Na conclusão, SILVA afirma que “a perspectiva fenomenológica enriquece a Geografia, no rumo de uma busca de sua unidade em torno do ser humano, como ciência do homem que é”.

Um dos melhores relatos sobre os contextos, as origens, a trajetória e as perspectivas

da Geografia Humanística foi desenvolvido por Werther HOLZER, professor do Departamento de Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, em texto publicado em 1997.²⁰

Nesse trabalho, HOLZER começa explorando as raízes da Geografia Humanística, a começar de C.O.SAUER, J.K.WRIGHT, até chegar a D.LOWENTHAL e Y.F.TUAN. Nesse ponto o autor chama a atenção para o pensamento de Eric DARDEL que “talvez seja o único exemplar de uma autêntica geografia existencialista até hoje escrito”. Em seguida, mostra como o contexto crítico, rebelde e contestador dos anos sessenta e início dos setenta, marcado pela resistência ao economicismo, ao positivismo e ao cientificismo em geral, foi um ambiente propício ao crescimento da Geografia Humanística. As contribuições de alguns geógrafos são, então, enfatizadas: Anne BUTTIMER, com sua perspectiva fenomenológico-existencialista sobre os “valores na Geografia”; Y.F.TUAN, com um grande elenco de temas fenomenológicos em sua geografia humanística e, por fim, E. RELPH, defendendo e preconizando a necessidade de uma geografia não apenas superficialmente mas, verdadeiramente, fenomenológica. Na última parte de seu texto, HOLZER monitora a grande expansão da Geografia Humanística nas duas últimas décadas, extrapolando em muito o domínio formal da Geografia e dos geógrafos. O autor conclui que um dos aspectos mais importantes da Geografia Humanística atual é que ela vem contribuindo fortemente para uma renovação necessária de um dos ramos mais antigos da Geografia: a geografia cultural.

Por fim, essa seção não poderia ser concluída sem uma referência a um capítulo de

¹⁹ SILVA, A.C. da: Fenomenologia e Geografia. Orientação, São Paulo, Departamento de Geografia da USP, n° 7, dezembro de 1986, p. 53/56.

²⁰ HOLZER, W. A Geografia Humanista: uma revisão. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, UERJ, n° 3, 1997, p. 8/19.

um trabalho fundamental sobre as relações entre geografia e região recentemente publicado pela professora Sandra LENCIONI.²¹

No capítulo 4, com o título *A incorporação da Fenomenologia e do Marxismo no estudo regional*, LENCIONI constrói uma análise competente, sóbria e sintética sobre todo o processo da assimilação deliberada dessas duas importantes filosofias pela Geografia, a partir do final dos anos sessenta. Sobre o papel dessa orientação fenomenológica no pensamento e na prática geográficos, assim se expressa LENCIONI:

“A Geografia de inspiração fenomenológica apresentou, no cenário da disciplina, a discussão das representações que os homens fazem do mundo. Isso porque, ao mesmo tempo que o espaço é vivido e percebido de maneira diferente pelos indivíduos, uma das questões decisivas da análise geográfica que se coloca diz respeito às representações que os indivíduos fazem do espaço. Essa geografia procurou demonstrar que para o estudo geográfico é importante conhecer a mente dos homens para saber o modo como se comportam em relação ao espaço”.²²

Um aspecto que tem muito significado no texto de LENCIONI é que seu trabalho não se resume a um estudo bem feito da trajetória e do alcance da Geografia Humanística, mas é concluído com as críticas que, até agora - com ou sem razão - mais se fazem a essa orientação geográfica:

- a primeira está ligada às dificuldades que essa corrente geográfica enfrenta, ao se confrontar com outras orientações paradigmáticas bem mais consolidadas no meio acadêmico;
- a segunda decorre do fato de que ela não tenha conseguido desenvolver uma metodologia mais consistente, que consiga superar o nível das propostas metodológicas gerais da Fenomenologia;
- por fim, alguns críticos dizem que, ao se centrar nos atores sociais, negligenciando os aspectos naturais, essa abordagem acentuou a divisão entre Geografia Humana e Geografia Física.

O que se viu nesta parte desse ensaio é que, apesar dos obstáculos encontrados, a Geografia Humanística e, principalmente, no seu âmbito, os estudos de percepção e cognição ambientais, tiveram um desenvolvimento significativo no mundo e no Brasil, nas últimas décadas. Quais são, hoje, suas perspectivas ?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geografia Humanística, inclusive em sua versão fenomenológica, já se tornou parte integrante das preocupações e da prática de uma parcela razoável da comunidade dos geógrafos. Essa presença trouxe para a Geografia e os geógrafos uma série de transformações, muitas delas importantes positivamente, e outras sob a forma de dificuldades a serem superadas. Entre as primeiras, podem ser citadas:

- ampliação epistemológica, com a assimilação de bases filosóficas até então consideradas

²¹ LENCIONI, S. *Região e Geografia*. São Paulo, EDUSP, 1999, p. 147/158.

²² ———— op. cit., p.152.

como algo bem distante da Geografia. Neste caso se encontram justamente, a Fenomenologia e o Existencialismo, por exemplo;

- ampliação conceitual e temática com a adoção e/ou a criação de um grande número de novos conceitos e temas, tais como: *mundo vivido, espaços valorizados, tofília, mapa mental, tofobia, topocídio, espaços experienciados*; é toda uma terminologia nova que foi trazida para o domínio da Geografia e dos estudos ambientais;
- resgate de temas geográficos tradicionais, com nova roupagem e novos alcances, como *paisagem, espaço, lugar*; etc;
- ampliação das técnicas de pesquisa e da representação de seus resultados;
- reunificação de disciplinas e sub-áreas geográficas que, em outras bases epistemológicas, tendiam irremediavelmente à separação;
- desenvolvimento de novas aproximações e articulações interdisciplinares da Geografia com a Psicologia, a Sociologia, a Sociologia, etc.
- valorização do ensino da Geografia, tendo em vista que uma pedagogia geográfica de orientação fenomenológica tem como princípios o repeito e a harmonia entre os homens e entre estes e a natureza.

Em termos de dificuldades, o que se observa até o momento é um desequilíbrio funcional: de um lado, houve uma assimilação temática, conceitual e dos princípios

orientadores da Fenomenologia pelos geógrafos humanísticos e/ou pluralistas; de outro lado, porém, metodologicamente essa assimilação foi muito limitada.

Além disso, uma proposta que tem como um de seus grandes fundamentos a valorização da subjetividade (extremamente criticada nos paradigmas dominantes) apresenta, naturalmente, dificuldade maior de assimilação.

Outro aspecto dessa dificuldade de assimilação é a aparência de pouca aplicabilidade imediata passada pelas pesquisas de base humanística, em geral, e fenomenológica, em particular. O hábito desenvolvido principalmente pelos estudos de cunho positivista, de procurar resultados imediatamente aplicáveis, dificulta a aceitação de resultados com aplicabilidade nem sempre imediata, como são os casos das abordagens fenomenológicas, que provocam transformações lentas no nível das atitudes, comportamentos, valores, motivações, etc.

Finalmente, a crítica mais generalizada feita à geografia de orientação fenomenológica é aquela levantada por J.N.ENTRIKIN (1977, 629), segundo a qual, “a abordagem fenomenológica na Geografia é muito mais uma forma de crítica do que uma alternativa à abordagem científica”²³.

Na verdade, não se pode esperar que a assimilação da abordagem fenomenológica pelos geógrafos possa dar-se de um modo semelhante à assimilação do método científico, de uma teoria e/ou de um modelo espacial neopositivista, por exemplo. Também não se trata de uma adesão de tipo ideológico, partidário ou religioso.

²³ Citado em: GREGORY, D.: *Ideology, Science and Human Geography*. London, Hutchinson, 1978.

Talvez a posição mais aconselhável, frente ao surgimento e à presença dessa linha recente de reflexão e de pesquisa na Geografia, seja aquela de considerar a Geografia Humanística (inclusive em sua vertente fenomenológica) como mais uma alternativa que veio enriquecer e matizar o fazer geográfico. E isto, evidentemente, sem eliminar as várias outras alternativas.

É em função deste último argumento, que encerramos este ensaio com uma referência ao geógrafo Carlos Augusto de FIGUEIREDO MONTEIRO. Essa referência não tem como causa uma possível adesão desse geógrafo à Fenomenologia, como filosofia, ou à perspectiva humanística, como corrente epistemológica privilegiada dentro da Geografia.

O que faz com que sua presença seja indispensável na conclusão deste nosso estudo é mais sua posição de humanista autêntico, do que de adepto da Geografia Humanística. É, certamente, essa posição que o leva a conciliar, em uma trajetória intelectual coerente, de um lado, ao longo de sua vida acadêmica, estudos de caráter científico sobre o ambiente natural em geral e sobre o clima em particular; de outro lado, ensaios nitidamente humanísticos, como sua abordagem magistral do “conteúdo geográfico nos espaços romanescos”²⁴; de outro lado, enfim, a obra grandiosa (5 volumes), produzida fora do domínio acadêmico (por isso pouco conhecida), sobre o itinerário de gerações de sua família, em que mais ainda se destaca sua postura de humanista e uma sensibilidade impar.²⁵

São esse humanismo e essa sensibilidade que o levam a afirmar, em um outro texto

fundamental de 1988:

“Objetivo – subjetivo; realidade – ficção; descoberta científica – criação artística, e outros dualismos ora tão aparentemente importantes, estarão fadados a desaparecer. (...) Dissipará esta nova aurora o conflito entre a paisagem e o espaço (problema geográfico), recriando uma nova concepção do lugar do homem no Universo (problema cósmico) ?”²⁶

BIBLIOGRAFIA

- BUTTNER, A.: *Sociedad y Medio (Naturaleza) em la Tradición Geográfica Francesa*. Barcelona, Oikos-Tau, 1980.
- CLAVAL, P.: *La Géographie et la Perception de l'Espace. L'Espace Géographique*. Paris, Doin, n° 3, p. 179-187, 1974.
- DEL RIO, V. e OLIVEIRA, L. (organizadores): *Percepção Ambiental – A Experiência Brasileira*. São Paulo e São Carlos, Studio Nobel e Editora da UFSCAR, 1996.
- FRÉMONT, A.: *L'Élevage em Normandie*. Caen, Faculté de Lettres, 1968.
- GALLAIS, J.: *Le Delta Intérieur du Niger, étude de Géographie Régionale*. Dakar, I.F.A.N., 1967.
- GREGORY, D.: *Ideology, Science and Human Geography*. London, Hutchinson, 1978.

²⁴ MONTEIRO, C.A. de F.: O conteúdo geográfico nos espaços romanesco. *Ciência para os Trópicos*, Recife 16(2): 171/206, jul./dez., 1988.

²⁵ MONTEIRO, C.A. de F.: *Itinerário de uma família piauiense* (5 volumes). Florianópolis, Edição piloto de autor, 1993.

²⁶ MONTEIRO, C.A. de F.: *Travessia da Crise (Tendências Atuais da Geografia)*. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 50, n° especial, t. 2:127/150, 1988.

- HARDY, G.: *La Géographie Psychologique*, Paris, Gallimard, 1939.
- HOLZER, W. A Geografia Humanista: uma revisão. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, UERJ, n° 3, p. 8-19, 1997.
- JOHNSTON, R. J.: *Philosophy and Geography – An Introduction to Contemporary Approaches*. London, E. Arnold, 1983.
- KUHN, Th. S.: *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 1975 (original de 1962).
- LALANDE, A.: *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo, Martins Fontes, 1993 (original francês, 1926)
- LENCIONI, S. Região e Geografia. São Paulo, EDUSP, 1999, p. 147/158.
- LOWENTHAL, D., citado em HUCKLE, J. (editor): *Geographical education – Reflection and Action*. Oxford, Oxford University Press, 1983 (p. 31/32)
- MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la Perception*. Paris, Gallimard, 1985.
- MONTEIRO, C.A. de F.: *Itinerário de uma família piauiense* (5 volumes). Florianópolis, Edição piloto de autor, 1993.
- _____. O conteúdo geográfico nos espaços romanesco. *Ciência para os Trópicos*, Recife 16(2): 171/206, jul/dez., 1988.
- _____. Travessia da Crise (Tendências Atuais da Geografia). *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 50, n° especial, t. 2:127/150, 1988.
- MORA, J.F.: *Diccionario de Filosofia – Tomo II*, Buenos Aires, Sudamericana, 1965.
- PICKLES, J.: *Phenomenology, Science and Geography*. Cambridge, Cambridge University Press, 1985.
- RELPH, E.C. Phenomenology. In: HARVEY, M.E. and HOLLY, B.P. (editors): *Themes in Geographical Thought*. London, Croom Helm, 1983.
- SANGUIN, A. – L.: *La Géographie humaniste ou l'approche phénoménologique des lieux, des paysages et des espaces*. *Annales de Géographie*, Paris, A. Colin, n° 2, p. 560-573, 1981.
- SILVA, A.C. da: *Fenomenologia e Geografia. Orientação*, São Paulo, Departamento de Geografia da USP, n° 7, p. 53-56, dezembro de 1986.
- TUAN, Y.F.: *Topofilia*. São Paulo, DIFEL, 1980.